
RESENHA EDUCAÇÃO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Marisa Narcizo Sampaio^(*)

PASSOS, Mailsa C.P.; PEREIRA, Rita M.R. (Orgs.). *Educação experiência estética*. Rio de Janeiro: NAU, 2011.

Inspirada no que dizia o escritor cubano Onélio Jorge Cardoso (“o ser humano tem duas grandes fomes: a de pão, que é saciável; e a de beleza, que é infindável”), posso dizer que uma fome infindável de beleza move o livro que se apresenta aqui. Fome, cultura, estética, educação são fenômenos humanos, igualmente necessários e intrínsecos à vida, os quais os seres humanos experimentam.

Um outro Jorge (LARROSA, 2002) também escritor (porém não de literatura) nos diz que podemos chamar de experiência aquilo que nos passa/acontece, não o que se passa sem nos atingir/tocar ou fazer sentir. Neste sentido educação e estética podem ser o mesmo: aquilo que nos toca e por tocar, nos penetra, nos afeta, nos transforma. Neste livro encontramos autores que narram suas memórias, suas experiências estéticas e, portanto, falam daquilo que os tocou e os transformou, de sua formação e da formação que propõem àqueles com quem convivem, trabalham e compartilham experiências.

Diferentemente do que nos ensinaram os mitos da ciência moderna, para compreender (ação necessária para educar-se) é preciso sentir, envolver-se, implicar-se, (mojarse, como se diz em castelhano), emocionar-se, afetar-se, transformar-se. Quem pode negar que aprendemos o que nos emociona, que aprendemos também pela emoção? Se pensarmos, por exemplo, na aprendizagem de valores, sabemos que ela só é possível pelo envolvimento, pela vivência, pela experiência da forma com Larrosa (2002) a concebe. Quem pode negar que produzir conhecimento é dialogar com o mundo, compreender, perceber, sentir o mundo a partir de sua experiência, afeto e emoção, ou seja, subjetividade? Encarnar-se. É esta relação viva entre memória, sensação, estética e educação que “Educação experiência estética” nos traz e nos faz sentir. Ele nos leva a enredar conhecimento, sentimento, ação e nos faz aprender/lembrar que estética e educação nos remetem à criação, necessidade cada vez maior em nossos tempos de repetição, homogeneização, padronização e

^(*) Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

apagamento da potência da singularidade e do sujeito criador. Ao observarmos e refletirmos sobre as práticas pedagógicas percebemos que precisamos cada vez mais de professores que sejam e se sintam sujeitos tal qual nos descrevia Bakhtin (s.d.): agentes responsivos e responsáveis. Professores que superem o uso de técnicas e materiais de ensino no modelo neotecnicista de reprodução de formas pouco contextualizadas, e que se movam mais pela ética e pela estética (“decência e boniteza de mãos dadas”, como nos dizia Paulo Freire, 1998, p.36). Que ao preocuparem-se com a estética podem fazer aflorar a sensibilidade necessária ao diálogo e à criação, duas condições básicas para o trabalho do professor.

Mailsa Passos e Rita Pereira, as organizadoras costureiras desta obra, em trabalho anterior já usavam a imagem do fuxico para tratar da diversidade de práticas culturais em pesquisa, pensando no ato de investigar como uma proposta estética que guarda fundamentos lógicos e de valor. Neste livro nos propõem e proporcionam uma experiência estética de muitas aprendizagens, pois nesta produção de alto nível acadêmico, os autores narram, refletem e sentem suas experiências educativo-estéticas. Autores que compartilham o livro e a ideia de que a sensibilidade estética é educativa ou a educação é/deve ser uma experiência estética. O próprio livro é uma experiência estética, edição bem cuidada que nos toca pelas palavras (literatura e ciência – produção acadêmica), pelas imagens (desenhos, fotografias, reproduções de pinturas, descrição de cenas cinematográficas) e pelo tato suave de sua capa e páginas.

Nos catorze artigos que compõem o livro várias linguagens estão presentes para nos falar e nos fazer sentir e passar por experiências estéticas – cinema, artes visuais (fotografia, desenho, artes plásticas), música, literatura, poesia – e educativas. Cada texto proporcionando o debate sobre um aspecto dessa relação, com a singularidade dos textos/autores formando mosaico, tapete, colcha de retalhos, de fuxico, cerzidos com a linha da memória. Estes autores, que narram suas próprias experiências, são professores de universidades de norte a sul do Brasil e do México unidos (como os retalhos e fuxicos) por poesia, sentimento, senso estético para nos mostrar como vivem e conhecem a partir do sentimento, da beleza, da estética.

Ao ler os artigos inicialmente relacionei-os entre si com as distintas linguagens que privilegiam ou os temas que abordam, porém logo percebi que todos se entrelaçam e se mesclam. Diferentes linguagens e memórias estão presentes, pois, de distintas maneiras os autores evocam suas próprias memórias familiares, escolares, pessoais e culturais revelando que fazem parte de quem experimenta, sente, conhece.

Com **Maria Luiza Oswald** e sua “Educação pela carne: estesia e processos de criação” é possível ler/sentir a poesia fazendo discussão acadêmica. A partir de Clarice Lispector que fala das

ideias fundidas na carne que fecundam o espírito, Maria Luísa ensina que as aprendizagens básicas supõem a sensibilização dos sentidos e propõe que estudantes e professores possam aprender a olhar (o mesmo que sugere Eduardo Galeano em sua “A função da arte”: me ajuda a olhar) e pelo olhar, deixando descansar o intelecto. Dizer isso não é acreditar no vazio das nossas mentes, ao contrário, é acreditar na experiência que nos afeta e se funde ao que temos e somos.

Luciana Loponte com “Arte e inquietude s estéticas para a educação” quer tratar “das possibilidades e potencialidades da arte, e em especial da arte contemporânea, para a formação estética docente e para a própria educação” (p.39). Ela apresenta diversas perguntas provocadoras que devem fazer parte da reflexão sobre formação de professores, cuja busca por respostas se constitui na própria experiência estética de criação. A autora estabelece uma intrínseca relação entre estética, criação e formação de professores e nos instiga a desejar que esta formação requer reflexão, sentimento e criação, para além do que está dado.

Maria da Conceição Soares e Nilda Alves discutem, no artigo “Cultura, cinema e redes de conhecimento e significações” a cultura sob a inspiração de diversos autores entendendo-a como processo, produção e projeto de ressignificações, conflitos, resistências, ambiguidades e ambivalências, práticas complexas de usuários e emissores. Destacam o cinema como produto dessa cultura complexa e apontam a sensibilidade como chave para a compreensão das formas audiovisuais. Narram ainda como, num projeto em que mesclam estes conceitos com a sensibilidade de professores e alunos, elas aprenderam com eles sobre essa relação estético-educativa.

Maximiliano López faz do ritmo o mote para tratar dos sentidos da linguagem e trazer mais uma vez a discussão a respeito da criação (enunciação) relacionada à experiência estética e educativa em “O corpo inaudito: para uma poética do discurso em educação”. Para o autor, educar é possibilitar experiências políticas e poéticas de enunciação, apropriar-se da palavra e dizê-la como nosso corpo e nossa voz.

Contando sua investigação realizada com crianças de uma comunidade indígena mexicana, **Citalli González** mostra no seu texto “Quatro modos de agrupar imagens: leitura fotográfica e contextos comunicativos de crianças mexicanas”, distintas formas de percepção na leitura de imagens que essas crianças faziam. Começa perguntando como os contextos comunicativos destas crianças formam sua leitura fotográfica e que elementos lhes permitem dar-lhes significados. Conclui que as lógicas criadas pelas crianças se estabelecem a partir de parâmetros da sua cultura e do “contexto particular de pertencimento”(p. 86) visual e comunicacional delas.

Em “O delicado cinema de Ettore Scola” **Virgínia Silva** nos proporciona uma experiência estética indo ao cinema sem sair do lugar onde estamos com sua análise/leitura do filme “Um dia muito especial” e a aprendizagem da estética da delicadeza, passeando entre o macro e o micro no cinema, na sociedade e na relação humana.

Com seu artigo “Arte, ética e conhecimento: sarau na formação de professores” **Marisol Barenco de Mello** quer combater a falta de vitalidade dos espaços educativos (que se traduz muitas vezes em discursos que enfatizam o desinteresse dos alunos e o desânimo dos professores) e as formas superficiais de combatê-las. Assim, nos convida a buscar o “reencantamento com o humano” (p. 124). Narrando experiências estéticas diferentes trata de unir ética e estética e tenta nos apontar uma ação necessária: “a arte como lugar de transformação do humano e do mundo” (p.127).

A música é o foco do texto de **Rangel Junior** “Fazendo artes e se construindo: reminiscências musicais e os mundos da família, da escola e do trabalho”. Ele conta sua própria formação “informal” em música, a partir dos gostos e da vivência do pai. Apresenta música e poesia como elementos integradores e componentes fundamentais da cultura escolar. Traz imagens da presença e influência da música no interior do nordeste, seu lugar de origem e coloca-se como fruto de um caldeirão cultural que forma seu gosto, suas opções estéticas e sua forma de ser/atuar.

O livro traz também um artigo três em um. **André Brown, Gustavo Coelho e Paulo Sgarbi** escolhem a diferença como marca de seu trabalho e de cara nos ensinam que a invenção estética se faz dentro de limites estabelecidos. Mostram-nos três estéticas que conversam e se apresentam como linguagens, mostrando, mais uma vez, que estética é invenção e forma de expressão. Os quadrinhos de Will Eisner são usados por André Brown para discutir a cinestesia e sua proposta de unir sentidos, diferentes formas e conhecimentos. Gustavo Coelho põe em debate o imediatismo das juventudes e suas produções estéticas e práticas que são negligenciadas ou mesmo negadas, mas que para ele, por sua estética explícita, dizem muito sobre as tramas sociais em que vivemos. Paulo Sgarbi usa a estética de Chico Buarque para tratar da narrativa como invenção da imagem e relação de sentidos não unívocos. Defende que toda linguagem é uma experiência estética e que elas guardam uma diversidade de estéticas em diferentes *espaçostempos* sociais, e são elas que nos fazem “*aprenderconhecerviver*”(p.175).

A estética aparece no texto de **Nelson Olokofá Inocêncio** como impulso e como criadora da memória. Em “Navios negreiros como lugares da memória na arte contemporânea” ele usa a memória criada pelas imagens que representam o passado e se tornam referências no presente para pensar a afrodiáspora. Alude à música, ao cinema, à fotografia, à pintura que produzem imagens que alimentam estereótipos hoje questionados por artistas contemporâneos. Artistas do terceiro

mundo se apropriam de novas linguagens da mídia e criam seus próprios repertórios construindo novas memórias, destacando, mais uma vez a relação estética – criação.

No artigo “Contra a domesticação: Lygia Pape, educação, arte e afro-brasilidade” **Roberto Conduru** nos conta como a sua formação em arte tem raízes em uma experiência estética ocorrida na sua adolescência no MAM/RJ com obras de Lygia Pape. A obra desta artista, sua relação com o universo afrodescendente e sua característica de negar a domesticação apresenta uma multiplicidade de categorias estéticas que possibilitam desenvolver valores plásticos, imaginativos e conceituais. Para Conduru, esta experiência com a arte contribui para pensar processos educativos e formativos como práticas de transformação.

Mailsa Carla Pinto Passos e **Sonia Regina dos Santos** partem do pressuposto de que tudo o que afeta o outro também nos afeta e com isso narram no seu artigo “Histórias feitas de retalhos coloridos: tecendo tapetes e narrativas” a pesquisa que tentou discutir com alunos de um CIEP no Rio de Janeiro suas vidas como crianças negras pela experiência estética da narrativa e do artesanato em tapeçaria. A literatura é o mote para essa narração e compartilhamento de experiências e pela narrativa nos tapetes e na escrita as crianças ressignificaram sentidos do preconceito no seu cotidiano e se reinventaram como sujeitos.

Usando o “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago, **Carlos Alberto de Carvalho** produz em “Arte de ver não ver: quem tem olhos para ver, veja! Quem vê, repare” um ensaio sobre os olhos como “portas de nossos sentimentos e percepções”(p.213). Vive uma aventura estética para tratar da investigação e das relações entre pesquisadores e destes com sua produção: a constituição de um olhar comprometido e defende que a constituição deste olhar sensível é tarefa da educação.

Por fim, **Rita Marisa Ribes Pereira** mostra como “deu toda a volta para conhecer” (como propõe José Saramago) seu objeto de estudo, a televisão. Em “A pesquisa como experiência estética” ela narra sua trajetória de pesquisadora em sua relação com a televisão ao longo do tempo, num processo de educação do olhar investigativo e mostra a pesquisa, sua trajetória e a relação com o objeto de pesquisa como uma experiência estética ligada à percepção do mundo pela TV.

Pelo que se pode ver/ler/sentir, todo o livro é uma ode à potência criadora humana. Algo que precisamos cada vez mais experimentar e viver na educação de professores e estudantes. Num mundo que nos quer pasteurizar, precisamos fazer brotar nossas memórias e com a experiência educativa pela estética reinventarmo-nos como profissionais, como sujeitos e como cultura. Educar para a sensibilidade, para perceber a beleza do mundo e do outro, ser sensível ao outro, deixá-lo nos afetar, dialogar e assim produzir conhecimento em conjunto.

Este livro certamente tem muito a ensinar sobre delicadeza, diálogo, sensibilidade, relação com o outro, e será devorado por todos os interessados em pensar professores e alunos como criadores, inventores do mundo por meio da sensibilidade e do diálogo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores y otros escritos. Puerto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, [s.d.].

CARDOSO, Onelio Jorge. *El Caballo Coral*. Disponível em <http://www.materialdelectura.unam.mx/index.php?option=com_content&task=view&id=108&Itemid=30&limit=1&limitstart=4>. Acessado em: 25 de janeiro de 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GERALDI, João Wanderley. Pelos caminhos e descaminhos dos métodos. *Educação e Sociedade*. v.25, n. 87, Campinas, maio/ago. 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro/São Paulo: ANPEd/Autores Associados, n. 19, p.20-28, jan./abr. 2002.